

Foto: Paula Alzugaray

A INVENÇÃO DA PRAIA: CASSINO

Data

9 a 16 de setembro de 2017

Curadoria

Paula Alzugaray

Artistas

Caio Reis
de Hollar

Local

Istituto E

A Invenção da Praia: Cassino





Bruno Faria

AO VIVO, 2017

Intervenção sonora e urbana

Diariamente, de 9 a 16 de setembro de 2017, Carmen Miranda se apresentou com o Bando da Lua no Cassino da Urca, cantando “O que é que a baiana tem?”. Assim anunciavam os cartazes lambe-lambe espalhados pela cidade do Rio de Janeiro. Convidado para show AO VIVO, o público se deparou com a intervenção sonora de Bruno Faria para A Invenção da Praia, ouvindo nas ruínas do Grill Room o áudio de uma hora de um concerto que a “Pequena Notável” realizou ali mesmo naquele palco em algum momento dos anos 1930, quando foi descoberta e catapultada para o estrelato.



Caio Reisewitz

Cassino I EC, 2017

Cassino II EC, 2017

Cassino III EC, 2017

Cassino IV EC, 2017

Cassino V EC, 2017

Urca EC, 2013

AIJP em papel Murakumo-Kozo

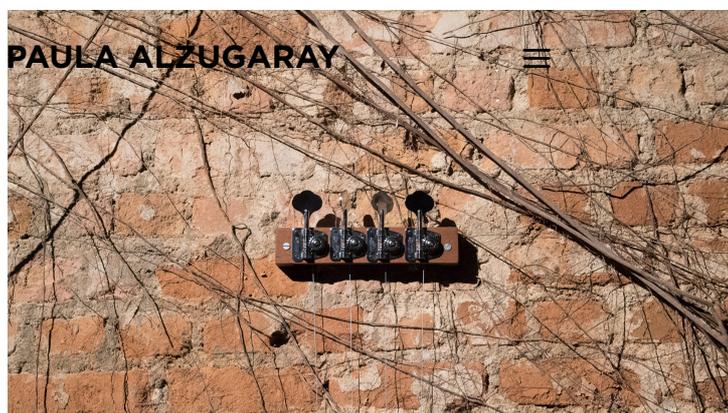
As imagens da série Cassino, de Caio Reisewitz, dissertam sobre o espaço. Abdicando do caráter referente da fotografia, não se resumem a simulacros de uma paisagem ou representações de outro lugar. Afirmam-se como objetos do próprio discurso que acontece no lugar e no momento em que estão sendo exibidas, time e site-specific.

Dispostas em cinco paredes da primeira galeria do antigo Cassino, as ampliações em pequena dimensão Cassino I, II, III, IV e V não desafiam a escala do salão. Instaladas em intervalos irregulares, as cinco fotografias se comportam como páginas em branco que emanam a natureza luminosa de outro lugar, a Praia do Cassino, no Rio Grande do Sul. A última praia do Sul do Brasil é feita de branco sobre branco. Areia sobre espuma, sobre céu nublado, sobre maresia que escapa das ondas. Naquela natureza não há linhas que desenham galhos, folhas ou carcaças de barcos naufragados. Nem esboços das ruínas de um cassino que não chegou a ser construído.

Não há, nas imagens da série Cassino, contornos designando formas de nenhum caráter. Nada existe ali, a priori, a fixar o olhar; nenhuma solidez a impedir a distração do pensamento. Apenas existências líquidas e gasosas, que liberam o caminho à imaginação. Sob o olhar do fotógrafo, a superfície branca se impregna de invenção, assim como a natureza se crispa ou adensa, à aproximação da frente fria. A paisagem é então varrida de rosa, rebatida de azul, pincelada de sombras e coberta por uma fina camada de enunciados que não chegam a impor um discurso, mas guardam a qualidade de devir.

Urca EC (2013) atua como um ponto de fuga da instalação fotográfica de Reisewitz. Captura o olhar do visitante desde o fundo da segunda galeria, situada na extremidade do edifício. Instalada ao lado de uma escada misteriosa, sugere uma subida para a pedra parcialmente representada na fotografia. Ao sugerir a saída para o exterior, relaciona-se com o bairro e com a pedra da Urca, adivinhada através de um buraco em outra das paredes da segunda galeria.

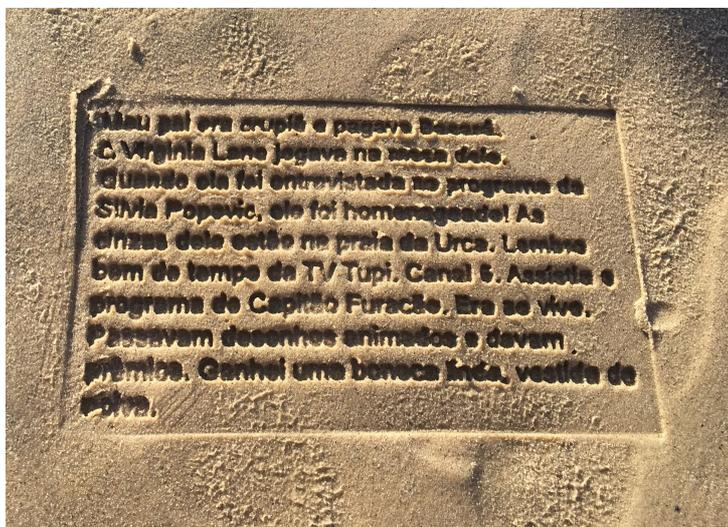




Chiara Banfi

Baixo da série Desenho Sonoro, 2015
Madeira, tarraxas, arame, captador e amplificador

Minerais, cristais, instrumentos e partituras musicais se entrelaçam na pesquisa de Chiara Banfi sobre a corporeidade do som. Suas obras recentes trabalham com a ideia de que as pedras têm a capacidade de transmitir vibrações. A série Desenho Sonoro, iniciada em 2011, pertence a essa família de trabalhos que buscam revelar visualmente frequências imperceptíveis ao ouvido humano. Em sua intervenção no foyer do antigo cassino, a artista acopla à parede cordas de um baixo elétrico que podem tocadas pelos visitantes. Da interação do instrumento com os tijolos invadidos por raízes emana uma sonoridade espacial e visceral, libertando o edifício dos 40 anos de silêncio em que esteve imerso.

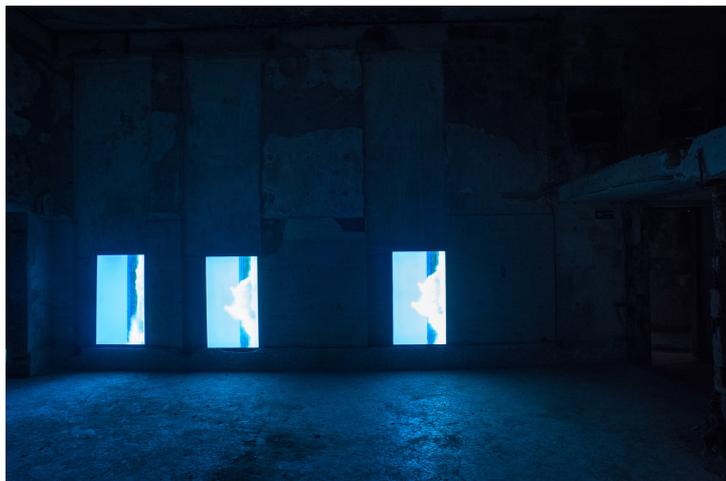


Giselle Beiguelman

Memórias de Areia, 2017
Fabricação digital, performance colaborativa com moradores da Urca e documentação

O que é a memória senão uma invenção? Movido por essa premissa, o projeto de Giselle Beiguelman buscou reunir lembranças do bairro, da praia e do cassino da Urca, a partir de relatos de seus moradores e dos participantes da exposição A Invenção da Praia. Os

depoimentos captados em vídeo ou outros meios digitais previamente à exposição deram origem a um único texto, formando uma **PAULA ALZUGARAY** dos desse texto coletivo foram impressos digitalmente (impressão 3D), como carimbos. Um dia antes da abertura da exposição, sexta-feira de feriadão, os frequentadores da praia da Urca foram convidados a imprimir as memórias sobre as areias. A documentação, realizada em fotografias e videodrone por Lula Buarque de Hollanda, integrou a exposição, despertando novas lembranças no público visitante. Uma história sem fim.



Katia Maciel

Quebra-mar, 2017

Videoinstalação

Embalada pela visão fantasmagórica de uma noite em que o mar teria invadido os salões do Cassino da Urca, levantando cadeiras, mesas, copos, Katia Maciel concebeu esta videoinstalação especialmente para a exposição A Invenção da Praia. Quebra-mar é composta por três telas encaixadas em vãos das paredes de uma das últimas salas que guardam o mármore original da construção do Hotel Balneário (1922). As telas mostram a imagem de uma mesma onda marítima, explodindo de modo repetitivo e insistente, em três tempos ligeiramente diversos, contra as estruturas de sustentação do edifício. O mármore reminescente é convertido aqui em quebra-mar, prolongando e perpetuando a persistência da pedra ao instante de fúria das águas. A visão produzida é a do edifício como peça de resistência.



Katia Maciel

Alto-mar, 2017

Performance

Ao longo de sete dias, sempre às sete horas noite, o fosso da orquestra do cassino foi tomado por leituras de textos poéticos. Das entranhas do palco do teatro, emanaram as vozes de 26 poetisas convidadas por Katia Maciel para uma performance coletiva e expandida no efêmero tempo de duração da exposição. A palavra MAR foi ponto de inflexão e de encontro entre os 47 poemas colhidos pela artista em territórios diversos da poesia contemporânea brasileira. As paisagens selvagens, as águas, espumas, as âncoras e canções espalharam e amplificaram a temporalidade da exposição. Reunida em um livro publicado pela editora 7 Letras, a antologia poético-performática é porta-voz da potência do encontro; caixa de ressonância que mantém vibrando as vozes do alto-mar.



Laercio Redondo

Como vaes você – Espectro de Carmen Miranda, 2017
Objeto e silk screen sobre papel

Em sua pesquisa artística, Laercio Redondo propõe a reconstrução da memória de episódios desaparecidos do imaginário brasileiro e de personagens marcantes, em grande parte mulheres, que passaram por longos períodos de apagamento. Aqui, no museu do esquecimento que se tornou o Cassino da Urca, Redondo volta a evocar Carmen Miranda, investigada anteriormente em *Uma Ópera da Imagem* (2010). Do mesmo modo que trabalha com a arquitetura modernista, Redondo aqui desmembra um mito que serviu à política internacional de Getúlio Vargas e devolve à Carmen o protagonismo da história. Se Carmen Miranda inventou o Brasil exótico com seu turbante e balangandãs, afirmando uma identidade afro-brasileira, é nas entrelinhas da história que Redondo vai buscar o seu discurso político, crítico e visionário. Afinal, a frase 'claro é o passado, escuro é o futuro', da música "Como vaes você?", contém o espectro de um futuro que já se anunciava em ruínas.

Um lapso de tempo separa a passagem do visitante pela obra dissimulada em um nicho sobre as escadas que levam ao mezanino e à percepção de sua presença. Sua visão se dá então na forma de aparição, num contexto difuso entre luz, sombras e vagas lembranças.



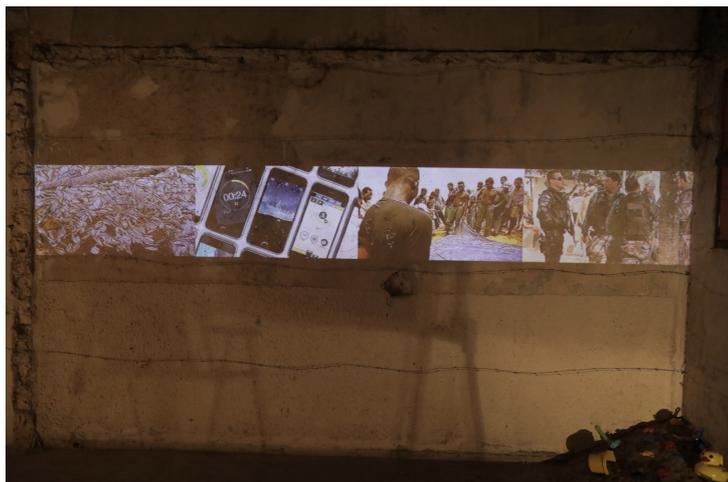
Laura Lima**PAULA ALZUGARAY**

Rato, 2017

Parede de queijo



Segredo, clandestinidade, consumo, corrupção e degeneração são os fatores articulados na intervenção de Laura Lima. Concebida para ser ativada por colaboradores noturnos, quando as luzes da exposição se apagam, a obra quase imperceptível aos visitantes é composta por duas paredes parcialmente cobertas por uma massa comestível para atrair ratos. Os atuais habitantes do cassino são assim convocados a interagir com a artista visitante, em conúbios quase tão ilícitos quanto aqueles praticados quando o cassino funcionava como hospedeiro das máfias do jogo político. Vigiados por câmeras noturnas e raios infravermelhos, ou adivinhados em aparições efêmeras à luz da exposição, os ratos dividem com a artista o discurso do trabalho.

**Lula Buarque de Hollanda**

Arrastão, 2017

Videoinstalação

(Fotografia: Cesar Charlone e Toca Seabra/ Som: Valéria Ferro/ Edição de imagem: Gabriel Picanço/ Edição de som: Vinicius Leal/ Produção: Espiral)

O arrastão é um levante, no sentido proposto por Georges Didi-Huberman: não se faz um levante sem certa força, invariavelmente coletiva, provocada pelo impulso de desejo e de liberdade. A reinvenção do arrastão – da prática ancestral de pescadores para a retirada da rede do mar até os fenômenos que varrem a orla carioca no calor do alto verão – é investigada na videoinstalação de Lula Buarque de Hollanda. A justaposição de imagens de ambas as ações orquestradas a serviço de diferentes pulsões de desejo (por peixes ou por celulares) é colocada pelo artista a serviço de um manifesto em defesa de um novo ciclo de reinvenção do arrastão: agora como pulsão de desejo por valores como solidariedade, educação, honestidade ou amor.

**Maria Laet**

Leito (-22.9617723, -43.2176653-03), 2013

Vídeo

Este vídeo, que registra o curso de um líquido leitoso ao longo de uma fissura na pavimentação urbana, ganha uma nova dimensão ao se colocar como uma camada de informação sobre a superfície rugosa da parede, a imagem ganha um sentido diverso daquele que teria ao ocupar a neutralidade de um espaço expositivo convencional. Aqui, o fio de leite escorre entre as raízes e as infiltrações de água que invadem a ruína. Assim, Maria Laet nos lembra que sua imagem projetada e nós, artistas e participantes do projeto A Invenção da Praia, somos todos invasores deste contexto, onde deixaremos alguma marca.

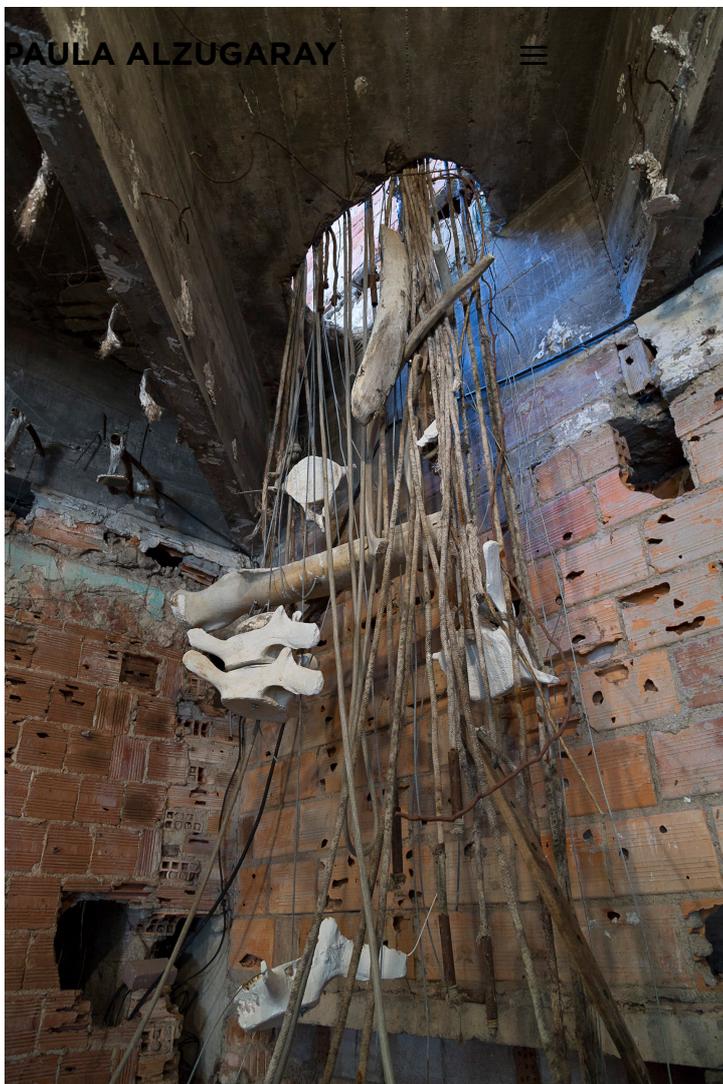


Maria Laet

Sem Título (Ausência), 2011

Impressão a jato de tinta sobre papel algodão

Se em *Notas Sobre o Limite do Mar*, vídeo exibido na primeira edição de *A Invenção da Praia* (Paço das Artes, SP, 2014), o intuito era demonstrar a impotência do desejo de manter intacto o limite entre oceano e continente, em *Sem Título (Ausência)* a artista se entrega ao imponderável. A permanência já não é possível neste tríptico fotográfico, que documenta as marcas de um corpo na areia em irreversível desaparecimento, à medida que são varridas pelas ondas do mar. No contexto desta exposição e à luz do projeto curatorial, o trabalho poderia se referir à invisibilidade dos corpos e das identidades vagas que um dia marcaram presença na vida do cassino.



Maurício Adinolfi

Leviathan 1.0 (da série Urubukeçaba), 2017

Cabos de aço, cabos marítimos, ossos de baleia jubarte, concreto, gesso, inox, ferro e espelhos

As matérias tramadas por Maurício Adinolfi em Leviathan 1.0 carregam a memória das ações praticadas anteriormente pelo artista com populações litorâneas em situações críticas. As cordas de embarcações, recolhidas nas praias do litoral que separam o Rio de Janeiro e Santos (cidade natal de Adinolfi), e os ossos de um filhote de baleia jubarte, resgatados de um acidente ecológico, imprimem à instalação um caráter trágico. Em sua prática, o artista está atento às crises ambientais, sociais e culturais, e isso se reflete no trabalho que ocupa dois andares do edifício, atravessando o piso por um buraco. Além disso, o embate do homem do litoral com os mares e as águas enfurecidas por desajustes ambientais, parece repetir-se no embate que o artista travou com a matéria de seu trabalho, ao longo de cinco dias de montagem. O resultado aproxima-se de uma escultura ambiental.





Nino Cais

Ópera do Vento, 2017
Instalação

Se para Nino Cais o corpo é a matriz de tudo o que existe, em Ópera do Vento este corpo é um órgão coletivo. Composta por 85 suportes de partituras musicais contendo páginas de um livro antigo com fotografias de conchas, esta orquestra imaginária foi montada em semicírculo, acompanhando a sinuosidade da arquitetura do mezanino do antigo teatro e ecoando a estrutura em caracol dos objetos fotografados. Elaborada a partir da apropriação de imagens de um livro esquecido, a Ópera do Vento equaliza o silêncio e a iminência do som em uma sutil vibração. Em simbiose com a música do passado e sujeita às correntes de ventos e intempéries que hoje atravessam as ruínas do edifício, a obra amplifica o poder da imagem e vem despertar memórias do cassino que um dia foi hotel-balneário.

Esta biografia fictícia de uma dançarina do Cassino da Urca foi realizada com base nas fichas da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS), produzidas entre os anos de 1953 e 1958, com registros da passagem pelos estados do Rio de Janeiro e Pernambuco de indivíduos considerados uma ameaça pelo fato de serem artistas e trabalharem à noite. Porém, em oposição à narrativa policial e moralista das fichas originais, este texto é uma concessão poética e uma homenagem à liberdade.



Paula Alzugaray © Todos os direitos reservados. Desenvolvido por Fluxo.Design

